

A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS ESCOLARES E O FORTALECIMENTO DA CULTURA DE PAZ NUMA ESCOLA NA CIDADE DE REDENÇÃO-CE

Anne Larisse Pereira Rodrigues; Janiele Lima da Silva; Camila França dos Santos; Luana Mateus de Sousa; Sinara Mota Neves de Almeida.

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).
Annelarisse.pereira@outlook.com; janiele.lima2011@yahoo.com.br; camila97_franca@hotmail.com;
lulu_matheus@hotmail.com; sinaramota@unilab.edu.br.*

Resumo do artigo: A escola é um ambiente onde se consolidam as interações sociais entre crianças, adolescentes e jovens. Contudo, tem sido um local de situações de conflitos e violências. Variados estudos e pesquisas têm sido realizados com o objetivo de entender a origem deste problema com o intuito de propor programas que resolvam ou minimizem a violência escolar. O presente trabalho analisa as contribuições do Projeto de Pesquisa Mediação de Conflitos na escola desenvolvido pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira numa escola pública municipal da cidade de Redenção-Ce. Considerando a formação de 40h/a desenvolvida na escola e a inauguração da sala de mediação de conflitos escolares interessa saber: quais as principais mudanças na instituição escolar com relação à redução da indisciplina e violência e do desenvolvimento da cultura de paz na escola a partir da formação em mediação de conflitos? Este estudo é do tipo colaborativo, visto que a comunidade investigada se constitui como co-autora do processo de investigação. A pesquisa colaborativa é uma prática alternativa de indagar a realidade educativa produzindo saberes, compartilhando estratégias, analisando problemas e implementando projetos comuns. Os resultados apontaram a formação em mediação de conflitos ofereceu aos participantes a vivência de certos conceitos e visão de mundo. Pode ser que o modo antigo de agir ainda persista um pouco, mas a consciência sobre o caminho mais construtivo da solução deve permanecer a partir da semente da sala de mediação implantada na escola. Concluimos, portanto, que escola deve cumprir com seu papel na sociedade, não só de transmissora de conhecimentos, mas realizando um trabalho em conjunto, oportunizando que a comunidade fale, reflita e pense soluções, e, sobretudo, aprendendo a ouvir os estudantes e considerando suas realidades sociais e culturais.

Palavras-chave: Escola, Violência, Curso de Mediação.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa as contribuições do Projeto de Pesquisa Mediação de Conflitos: implicações para a redução da indisciplina e da violência na escola desenvolvido pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira numa escola pública municipal da cidade de Redenção-Ce.

A realidade encontrada na instituição de ensino fundamental pesquisa é comum a outras tantas espalhadas pelo Brasil e quase sempre vêm acompanhadas de outros fenômenos como a reprovação, a desmotivação e a evasão, que interferem em indicadores de qualidade do trabalho desenvolvido pela escola, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é compreender as contribuições das

atividades relacionadas ao curso de formação em mediação de conflitos para a comunidade escolar para o fortalecimento da cultura de paz e a resolução pacífica dos conflitos.

Vale referir que a sociedade contemporânea, marcada pela pressa, pela crise de valores, pela competitividade e pela padronização de hábitos e costumes, faz com que elementos relacionados a nossa sensibilidade sejam desprezados, que nossas diferenças que nos tornam singulares sejam tomadas como elementos de discriminação e preconceito. Desse modo, as manifestações de conflito que ocorrem no contexto escolar são expressões dos contextos mais amplos de vivência dos nossos estudantes.

O primeiro passo para a superação desta realidade é acolhê-la de maneira crítica, compreendendo o que ela tem a nos ensinar. Os estudantes costumam expressar seus sentimentos através das mais diferenciadas formas: o modo de se vestir, de andar, falar ou movimentar-se; o tipo de música que canta; os desenhos que faz, entre outras tantas formas de expressão são compreendidas pela escola como formas de rebeldia a serem corrigidas por punições.

Vale referir que as expressões dos estudantes precisam ser compreendidas como possibilidade de leitura crítica da vida e como possibilidade de ressignificação da mesma. Neste movimento de ler e dar significados à realidade, a subjetividade dos estudantes se constroem. Contudo, existem manifestações que caminham para um outro lado, que traduzem de outras maneiras o sentimento de não pertencimento e revolta, como: depredação dos prédios escolares (ABRAMOVAY, RUA 2004), e as diferentes formas de violência, como verbal, física e psicológica (ROYER, 2003; ORTEGA E REY, 2002).

De um modo ou outro, a escola precisa criar estratégias para, junto com os estudantes, compreender o processo de construção de suas diferentes manifestações, refletir sobre os impactos dos mesmos junto à comunidade escolar e criar estratégias de desconstrução do fenômeno da violência através da reflexão e da ação.

MARCO TEÓRICO

A escola é um ambiente onde se consolidam as interações sociais entre crianças, adolescentes e jovens. Contudo, tem sido um local de situações de conflitos e violências. Variados estudos e pesquisas têm sido realizados com o objetivo de entender a origem deste problema com o intuito de propor programas que resolvam ou minimizem a violência escolar (ABRAMOVAY, 2005; CHRISPINO e CHRISPINO, 2002; DEBARBIEUX e BLAYA, 2002; FANTE, 2005; ORTEGA e REY, 2002).

Damasceno (2001, p. 22) relata que o cotidiano da sala de aula:

[...] reflete uma experiência de convivência com a diferença. É ainda um momento de aprendizado de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas os limites e as transgressões. Vista por este ângulo, a escola se tornou um espaço de encontro entre iguais possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidades para os alunos falarem de si trocarem ideias e sentimentos.

Nesta perspectiva, os professores precisam estar atentos em suas práticas pedagógicas, conteúdos trabalhados e metodologias empregadas, tendo em vista que todo processo educativo tem uma dimensão cultural instrumentalizadora, por onde responde às necessidades gerais da pessoa e da sociedade.

A intervenção adequada a qualquer tipo de violência passa pela sensibilização da importância com a temática, especialmente pelo conhecimento de como ela se constrói e se propaga. Para que escolas e professores tenham condições de intervir neste desafio atual, é necessário conhecer e aprender a construir uma forma de lidar com as diferenças que marcam os sujeitos envolvidos no processo educativo, garantindo o respeito a essas diferenças, visto que a democratização do ensino não se refere somente à garantia de acesso, mas sobretudo, que seja livre de qualquer situação de violência.

Vale referir que muitos alunos demonstram insatisfação na hora de lidar com os conflitos, visto que a maioria das soluções se enquadram no paradigma ganha-perde, sem a possibilidade de acordo entre as partes. Logo, torna-se necessário lidar com o conflito mediante soluções criativas e cooperativas, oportunizando o paradigma ganha-perde por paradigma ganha-ganha, visto proporcionar satisfação mútua às partes discordantes (ALMEIDA, 2009).

Nesta perspectiva, a educação sobre o conflito favorece a cultura de paz, possibilitando uma escolarização agradável e eficaz para o desenvolvimento de relações interpessoais e comunitárias harmoniosas, baseadas na tolerância e no compromisso com a justiça social.

Com o objetivo de contribuir com ações para prevenção da violência no espaço escolar, foi proposto um Curso de Formação em Mediação de Conflitos Escolares com carga horária de 40h/a em convênio com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira em parceria com a Secretaria de Educação Municipal de Redenção-Ce. Participaram 30 pessoas: 15 alunos, 6 professores, 1 diretor, 1 coordenadora pedagógica e 07 pais/responsáveis. Ressaltamos que a participação do

alunos, professores e pais/responsáveis foi de livre escolha.

O objetivo do curso consistiu, primordialmente, na instrumentalização da comunidade escolar, em especial, os alunos, com o objetivo de gerenciar os inúmeros conflitos no contexto escolar. A cada conteúdo discutido vislumbravam a possibilidade de sua aplicação na escola. A perspectiva da formação era inaugurar na escola um espaço para a resolução pacífica dos conflitos: a sala de mediação escolar.

A participação e entrosamento dos participantes foram fundamentais para a proposta da pesquisa. A cada sábado de curso havia uma possibilidade de troca de experiências, diante da heterogeneidade do grupo.

Os trabalhos foram divididos em quatro unidades: 1) **Cultura de Paz** - com o objetivo de propiciar ao aluno um espaço de reflexão em torno dos aspectos sociais da educação na sociedade contemporânea, com ênfase na escola como grupo social; examinar aspectos sociológicos das práticas escolares privilegiando as relações de poder, conflito e os conteúdos culturais do processo de ensino e aprendizagem. 2) **Escola e violência** – como o intuito de analisar as interações entre a educação escolar e outras formas educativas presentes na sociedade contemporânea, enquanto modalidades de educação não formal ou sistemática; traçar um panorama da educação escolar brasileira nas últimas décadas, examinando as consequências dos processos de expansão das oportunidades escolares, no âmbito do sistema público de ensino. 3) **Estatuto da Criança e do Adolescente** – conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente e sua aplicabilidade. 4) **Mediação de conflitos** - conhecer os princípios da Mediação, as atitudes do mediador, sua aplicabilidade e a mediação escolar.

Após a formação dos atores escolares, foi inaugurada na escola a sala de mediação de conflitos, onde os alunos seriam os protagonistas da cultura de paz e do diálogo na escola. A instituição disponibilizou a sala para realização das mediações e os equipamentos necessários: mesa redonda, quatro cadeiras e livro de ocorrências e armário.

A respeito do local para a intervenção Ortega e Rey (2002, p. 151), recomendam:

A atividade de mediação, além de algumas sequências temporais adequadas, exige um espaço igualmente idôneo. Um espaço que preserve a intimidade, cujas condições não provoquem incômodo e onde os protagonistas possam ser escutados entre si, e o mobiliário facilite o contato visual direto.

Urge referir que a mediação se constitui uma das técnicas não-adversariais de resolução de conflitos, em que um terceiro, imparcial, atua como facilitador da comunicação entre as partes em conflito, com o objetivo de encontrar uma solução amigável e satisfatória para todos os envolvidos no processo.

A mediação oportuniza que as pessoas compartilhem suas emoções e esclareçam seus sentimentos. Depois de resolvida a situação, as partes podem se dedicar às questões relacionadas à discórdia, ficando mais simples e fácil encontrar as soluções que contemple o desejo das partes envolvidas.

Schintman (1999, p. 78) afirma:

Nossa cultura privilegiou o paradigma ganhar-perder, que funciona como uma lógica determinista binária, na qual a disjunção e a simplificação limitam as opções possíveis. A discussão e o litígio - como métodos para resolver diferenças - dão origem a disputas nas quais usualmente uma parte termina ganhadora e outra perdedora. Essa forma de colocar as diferenças empobrece o espectro de soluções possível, dificulta as relações entre as pessoas envolvidas e gera custos econômicos, afetivos e relacionais.

Portanto, para que o diálogo seja transformador, configura-se fundamental que a nossa opinião seja ouvida, como também indispensável à escuta daquele que fala.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se refere a um estudo do tipo colaborativo, visto que a comunidade investigada se constitui como co-autora do processo de investigação. A pesquisa colaborativa é uma prática alternativa de indagar a realidade educativa produzindo saberes, compartilhando estratégias, analisando problemas e implementando projetos comuns. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que foi realizada, de modo conjunto, com a escola e não sobre a escola. Participantes e pesquisadores desempenharam o papel de parceiros e responsáveis pelo projeto (LOIOLA, 2004; PIMENTA; GUARRIDO; MOURA, 2000).

Destarte, a metodologia organiza-se principalmente pelas situações relevantes que emergem do processo. O caráter formativo acontece porque tal pesquisa favoreceu a tomada de consciência das transformações em si próprio e das delineadas no processo (FRANCO, 2005).

A metodologia combina diagnóstico da violência no ambiente escolar, através de estudo exploratório, e desenvolvimento de estratégias de intervenção formativa nas temáticas de violência, cultura de paz e mediação de conflitos escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da implantação da formação em mediação escolar, foi possível identificar que a prática da mediação envolveu mudanças na dinâmica escolar, a partir do momento em que a gestão escolar modificou as estratégias utilizadas na resolução de conflitos.

Dentre as principais queixas da escola no que se refere a violência destacaram-se: as brigas entre alunos; furto de material; brincadeira de luta; discussões e desrespeito com os professores, além do uso de drogas.

Decorridos doze meses da implantação da sala de mediação no espaço escolar e a formação realizada, entrevistamos 2 gestores escolares, 8 alunos e 4 professores com o objetivo de diagnosticar a efetividade da sala de mediação.

Conforme o relato dos gestores, antes do curso de mediação de conflitos escolares, observava-se que o modelo de gestão de conflitos utilizado se centrava no modelo “o diretor resolve tudo” e “o professor sabe tudo”. Neste sentido, a dependência da decisão do diretor permitia um quadro de tensão ainda maior pois, na maioria das vezes, não proporcionava aos envolvidos a consciência e responsabilidade sobre os problemas.

No que se refere ao relato dos professores, foi unânime a compreensão de que a estratégia da mediação representou uma importante ferramenta para o trabalho sobre as questões de violência. Anteriormente, a única estratégia utilizada pelos docentes era o encaminhamento dos casos para a direção da escola, que na maioria das vezes era a suspensão dos alunos indisciplinados, sem a oportunidades de reflexão e diálogo sobre suas ações.

Sobre as contribuições da formação, os alunos relataram:

[...] nós passamos a participar das atividades da escola. Antes nós não vinha muito pra cá. Hoje com a sala de mediação temos importância e podemos ajudar a resolver os conflitos sem precisar ser suspenso ou mandar chamar os pais. Nós resolve as brigas e violências através do diálogo (A 1).

[...] a escola foi assaltada e levaram muitas coisas e ainda sujaram bastante a escola. Nós mediadores ajudamos a organizar os alunos para fazer um mutirão da limpeza. Foi ótimo. Nós ainda conversamos em cada sala de aula sobre a importância de cuidar da escola (A 3).

[...] eu cheguei até a usar a mediação na minha família. Aqui na escola os professores agora procuram ouvir mais os alunos e encaminham para a sala da mediação. A gente agora vai muito pouco para a sala do diretor (A 6).

É possível inferir através desses relatos que a mediação escolar trouxe uma nova possibilidade de tratar a violência e indisciplina no contexto educacional através da escuta e do diálogo.

CONCLUSÕES

A formação em mediação de conflitos ofereceu aos participantes a vivência de certos conceitos e visão de mundo. Pode ser que o modo antigo de agir ainda persista um pouco, mas

a consciência sobre o caminho mais construtivo da solução deve permanecer a partir da semente da sala de mediação implantada na escola.

A escola deve cumprir com seu papel na sociedade, não só de transmissora de conhecimentos, mas realizando um trabalho em conjunto, oportunizando que a comunidade fale, reflita e pense soluções, e, sobretudo, aprendendo a ouvir os estudantes e considerar suas realidades sociais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**, Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAIDS, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.

ALMEIDA, S. M. N. de. **Avaliação das concepções de violência no espaço escolar e a mediação de conflitos**. 189fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará. 2009.

CHRISPINO, A.; CHRISPINO, R. S. P. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Biruta, 2002.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violências nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, SP : Verus Editora, 2005.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

LOIOLA, L. J. S. L. Contribuições da pesquisa colaborativa e do saber prático contextualizado para uma proposta de formação continuada de professores de educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28, Caxambu, 2005. **Anais...** Caxambu, 2005. p. 1-16. CD-ROM.

ORTEGA, R.; REY, R. D. **Estratégias educativas para prevenção da violência: mediação e diálogo**. Trad. Joaquim Ozório. Brasília: Unesco, UCB, 2002.

PIMENTA, S. G.; GARRIDO, E.; MOURA, M. Pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão de professor. In: MARIN, A. J. (Org.). **Educação continuada: reflexões alternativas**. Campinas: Papyrus, 2000, p.54-68.

ROYER, E. Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In: UNESCO. **Desafios e alternativas: violência nas escolas**. Brasília:

UNESCO; UNDP, 2003. p. 57-78.

SCHNITMAN, D. F.; LITTLEJOHN S. (Orgs.). **Novos paradigmas da mediação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática das regras e assembléias na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

